



O SUFIXO -INHV/-ZINHV E AS PALAVRAS PAROXÍTONAS TERMINADAS EM VOGAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

THE SUFFIX -INHV/-ZINHV IN BRAZILIAN PORTUGUESE
VOWEL-ENDING WORDS

Táise Simioni²

Universidade Federal do Pampa

Luiz Carlos Schwindt³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir a variação entre -inhV e -zinhV nos casos em que a base é uma palavra paroxítona terminada em vogal átona. A partir dos achados de Bisol (2010; 2011), propomos um experimento com pseudopalavras para verificar se vogais terminais específicas desempenham papel na seleção das formas alternantes. A análise mostrou que -zinhV é favorecido no contexto de bases uniformes terminadas em -e, independentemente de serem femininas ou masculinas. A partir de tais resultados, problematizamos a hierarquia proposta por Schwindt (2011; 2018), que dá conta das relações entre gênero e classe temática em português.

Palavras-Chave: Diminutivo; Gênero Gramatical; Classe Temática.

¹ Este artigo discute parte do trabalho desenvolvido durante o estágio pós-doutoral realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017-2018) pela primeira autora sob supervisão do segundo autor.

² Endereço eletrônico: taise.simioni@gmail.com.

³ Bolsista de produtividade CNPq. Endereço eletrônico: schwindt@ufrgs.br.

Abstract: *This paper aims to discuss the variation between the Brazilian suffixes -inhV and -zinhV considering paroxitones bases closed by vowels. Departing from Bisol (2010; 2011)'s findings, we propose an experiment using pseudowords to verify if specific final vowels play role in the selection of these alternant morphs. The analysis showed that -zinhV is favored in contexts of non-variables gender bases ended in -e, irrespective of being masculine or feminine. From these results, we problematize the hierarchy proposed by Schwindt (2011; 2018) on the relation between gender and word class markers in Portuguese.*

Keywords: *Diminutive; Grammatical Class; Grammatical Gender.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a variação entre -inhV e -zinhV nos contextos em que a base é uma palavra paroxítona terminada em vogal átona. Como afirma Lee (2013), “a formação de diminutivo é um dos assuntos mais discutidos na literatura” (p. 114). Já Bisol (2010) destaca que há uma variedade de abordagens sobre o assunto e que estamos longe de um consenso sobre a interpretação morfológica e fonológica dos sufixos -inhV e -zinhV. Para além das diferentes interpretações quanto ao *status* gramatical desses sufixos, uma questão ainda pouco discutida na literatura diz respeito à possível variação entre eles.

Bisol (2010; 2011), por exemplo, restringe a variação aos nominais temáticos e aponta que há diferenças entre as vogais -a e -o, de um lado, e -e, de outro. Segundo a autora, em discussão que será detalhada na próxima seção deste trabalho, haveria variação entre as bases terminadas em -e em função de uma questão relacionada ao gênero gramatical da base. Para Bisol (2010; 2011), a vogal -e não expressa gênero, de maneira que sua manutenção, no caso de a forma selecionada ser -zinhV, não implica redundância de gênero, diferentemente do que aconteceria com as palavras terminadas em -a e -o.

Diante do exposto, o *objeto de análise* desta pesquisa é o *status* da vogal terminal das palavras sufixadas por -inhV e -zinhV. Orienta a análise a seguinte *pergunta*: o que pode influenciar a variação entre -inhV e -zinhV em bases paroxítonas terminadas em vogais átonas? A fim de responder a tal pergunta, realizamos um teste envolvendo pseudopalavras. Os resultados indicam que há uma preferência por -zinhV quando a base termina em -e e quando ela é uniforme, não importando seu gênero gramatical. Nos demais casos, há uma preferência por -inhV. Tais resultados apontam para a necessidade da discussão sobre a influência das formas de expressão do gênero gramatical da base na escolha entre -inhV e -zinhV.

Este artigo está organizado em cinco seções. Após esta introdução, na seção 1, apresentamos trabalhos que discutiram a formação do diminutivo em português brasileiro, destacando as evidências de que há um comportamento diferenciado entre as vogais terminais da base. A seção 2 apresenta a metodologia da pesquisa, descrevendo os participantes, o teste aplicado e os

procedimentos de coleta dos dados e análise dos resultados. Na seção 3, são apresentados e discutidos os resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, em que retomamos a discussão dos resultados e apontamos para possibilidades de prosseguimento do trabalho.

1 O SUFIXO -INHV/-ZINHV NA LITERATURA

Há muitos estudos que se dedicaram a analisar a formação do diminutivo em português brasileiro (MENUZZI, 1993; LEE, 1999, 2013; FERREIRA, 2005; BACHRACH; WAGNER, 2007; TEIXEIRA, 2008; BISOL, 2010, 2011; ARMELIN, 2018; ULRICH; SCHWINDT, 2018; entre outros). Esta seção se dedica a mostrar os trabalhos que trouxeram evidências para a atuação da vogal terminal da base na seleção entre o sufixo -inhV e -zinhV.

Menuzzi (1993) defende a ideia de que -inhV e -zinhV são alomorfes de um mesmo morfema, com características especiais, uma vez que se anexam a uma palavra pronta, não a um radical. Um dos argumentos de Menuzzi (1993) para assumir tal posicionamento é a não neutralização das vogais médias. Enquanto com outros sufixos ocorre tal neutralização (*b[ε]lo/b[e]leza*, *p[ɔ]/p[o]eira*), os sufixos -inhV e -zinhV não se sujeitam a esse processo (*b[ε]lo/b[ε]linho*, *p[ɔ]/p[ɔ]zinho*). A partir disso, o autor fornece argumentos, que não serão discutidos aqui, para refutar a ideia de que os sufixos de diminutivo constituem com a base um composto. Segundo o autor, a seleção entre um e outro alomorfe pode ser assim resumida: palavras com vogal temática (como *porta* e *tapete*) selecionam -inhV, enquanto palavras sem vogal temática (como *pomar* e *cafundó*) selecionam -zinhV. Além disso, palavras proparoxítonas, apesar de terem vogal temática, selecionam -zinhV.

Menuzzi (1993) aponta para uma diferença de comportamento entre as vogais temáticas -o e -a, de um lado, e -e, de outro. Conforme o autor, as duas primeiras se mantêm no sufixo, independentemente do gênero da palavra (*tribo/tribinho*, *poeta/poetinha*), ao passo que, com a vogal -e, isso não se verifica, ou seja, com esta vogal na base, o diminutivo seleciona a vogal que expressa seu gênero (*dente/dentinho*, *tarde/tardinha*). Por sua vez, no caso de -zinhV, a vogal final sempre será determinada pelo gênero da base (*pomar/pomarzinho*, *dor/dorzinha*).

Destacamos, aqui, o caráter excepcional da vogal -e na análise de Menuzzi (1993). Para o autor, isso se deve ao fato de que, ao contrário de -o e -a, que seriam verdadeiras vogais temáticas, -e é uma vogal epentética. De acordo com sua proposta de análise, no caso de palavras terminadas em -e, ao longo da derivação, não há uma vogal temática disponível para ser copiada no sufixo de diminutivo. Assim, o sufixo de diminutivo em tais palavras assume a vogal final -a no caso de serem femininas ou a vogal *default* -o no caso de não serem desse gênero.

Menuzzi (1993) evidencia o caráter diferenciado da vogal -e ao afirmar que bases terminadas nesta vogal admitem o diminutivo com os dois alomorfes e, inclusive, algumas palavras, como *ave* e *cidade*, rejeitam o sufixo -inhV, só admitindo, portanto, o sufixo -zinhV, tanto no singular quanto no plural.

Segundo Bachrach e Wagner (2007), que analisam os diminutivos em português brasileiro a partir do quadro teórico da Morfologia Distribuída, sufixos derivacionais funcionam como núcleos e tomam o radical como seu complemento. Diferentemente disso, os diminutivos funcionam como adjuntos. Como mostram os autores, a uma mesma base podem se adjungir ambos os morfemas, mas isso provocará diferenças semânticas. De acordo com Bachrach e Wagner (2007), -zinhV será interpretado como um subconjunto dentro de um conjunto, enquanto -inhV terá um escopo maior, como referência ao todo. Tais diferenças semânticas não nos parecem incontestáveis. Em nota de rodapé, Bachrach e Wagner (2007) afirmam que não incluíram em sua análise os nomes terminados em -e átono, porque isso exigiria uma discussão mais detalhada. Isso reforça a ideia de Menuzzi (1993) de que a vogal -e apresenta um comportamento diferenciado em relação às vogais -a e -o.

Bisol (2010; 2011), a partir da perspectiva teórica da Teoria da Otimidade, defende a proposta de que há somente um morfema de diminutivo, -inhV, que pode se realizar com um -z epentético a depender de exigências estruturais para sua presença, como a necessidade de o diminutivo ter um onset (como em *café/cafezinho*, **cafeinho*) ou a pressão para que a borda direita da base se alinhe à borda direita da sílaba (como em *pomar/po.mar.zi.nho*, **po.ma.ri.nho*). Segundo a autora, o diminutivo toma por base a palavra morfológica (já, portanto, com a vogal temática adicionada, quando for o caso), não a raiz.

Com relação à possibilidade de variação, Bisol (2010; 2011) a discute no que diz respeito aos nominais temáticos. Segundo a autora, “a variação em nominais temáticos está comprometida com o gênero gramatical” (BISOL, 2010, p. 73). Essa afirmação é possível porque a autora parte da ideia de que a vogal temática -e não expressa gênero, diferentemente das vogais temáticas -o e -a. Assim, para Bisol (2010; 2011), a variação *verdinho* ~ *verdezinho* ou *parede* ~ *paredezinha* é possível porque, aqui, a informação de gênero aparece apenas no diminutivo, não havendo, portanto, redundância quanto à sua expressão. Por outro lado, em casos como *borboletazinha* e *patozinho*, haveria dupla marcação de gênero, em função de que Bisol (2010; 2011) acredita que tanto a vogal temática da base quanto o diminutivo expressam o gênero. Por isso, tais realizações seriam evitadas. Embora não concordemos integralmente com a explicação da autora, destacamos aqui o caráter diferenciado da vogal -e para o qual Bisol (2010; 2011) aponta.

Como é possível observar, os autores mencionados acima apontam para um comportamento diferenciado da vogal -e em relação às vogais -o e -a para a formação do diminutivo em português brasileiro. Bisol (2010; 2011) associa tal

diferença a questões de gênero gramatical. Essas questões serão o foco da discussão feita a seguir.

2 METODOLOGIA

Nesta seção descrevemos experimento envolvendo pseudopalavras construído com o objetivo de descrever aspectos da produtividade dos sufixos -inhV e -zinhV.

Os participantes foram convidados a fazer parte da pesquisa através de uma rede social e através de uma mensagem eletrônica que foi enviada a todos os alunos, técnicos e professores do campus da Universidade em que atua a primeira autora deste artigo. No total, 388 pessoas responderam ao instrumento de pesquisa (sobre o qual discorreremos adiante). Destas, 77 não puderam fazer parte da pesquisa porque (i) não preencheram por completo o instrumento de pesquisa, (ii) responderam não ter o português como sua primeira língua e/ou (iii) eram menores de 18 anos. Assim, esta pesquisa contou com 311 participantes.

Ainda que não tenhamos, por ora, qualquer hipótese acerca do papel de variáveis extralinguísticas sobre a seleção dos sufixos estudados, cumpre registrar a estratificação social dos participantes da pesquisa. A média de idade foi de 32 anos, variando de 18 a 65 anos. Quanto ao gênero, 237 responderam ser do gênero feminino e 72 responderam ser do gênero masculino, o que corresponde a 76% e 23% dos participantes, respectivamente. Dois participantes responderam “outro”. Com relação à escolaridade, 304 participantes responderam ter o ensino superior (completo, incompleto ou em andamento), o que corresponde a mais de 99% entre aqueles que identificaram sua escolaridade. Dois participantes responderam ter o ensino médio (completo, incompleto ou em andamento), e cinco participantes optaram por não informar sua escolaridade. No que diz respeito ao domínio de outras línguas, 70 participantes informaram ter domínio, em sua maioria, de inglês, espanhol e/ou francês.

Fizeram parte do teste 18 pseudopalavras paroxítonas terminadas em vogal, construídas a partir de três parâmetros: tamanho da palavra (dissílabas, trissílabas e palavras com mais de três sílabas), vogal terminal da base (-o, -a e -e), tipo de gênero da palavra (uniforme ou biforme), combinado com sua manifestação (se masculino ou feminino). Cada pseudopalavra foi construída a partir de modificações nas consoantes e nas vogais de palavras existentes na língua portuguesa, mantendo, em geral, seus padrões silábicos. O Quadro 1 ilustra as pseudopalavras que compuseram o teste e sua organização nos parâmetros recém-descritos. Além das 18 pseudopalavras que constituíram o teste, havia seis palavras distratoras: *lorenche*, *turonida*, *proneda*, *coquinilo*, *nura* e *uldo*.

Quadro 1 – Pseudopalavras do teste⁴

	Dissílabas	Trissílabas	Mais de três sílabas
-a uniforme (f)	gussa	osdrira	virotila
-a biforme (f)	guefa	binuna	brovussara
-o uniforme (m)	nufo	zigripo	ozirijo
-o biforme (m)	golho	irifo	gafanelo
-e uniforme (f)	ule	ongipe	sudzinte
-e uniforme (m)	juque	vorante	jugurabe

Optamos por pseudopalavras a fim de verificar quais aspectos gramaticais podem regular a preferência dos falantes por -inhV ou -zinhV. Se usássemos palavras existentes na língua, não teríamos como descartar a possibilidade de a seleção ser baseada em itens lexicais específicos. É o que afirmam Becker *et al.* (2018):

Estudos com pseudopalavras [...] descortinam o modo como os falantes fazem generalizações a partir de palavras existentes na sua língua e organizam seu léxico de acordo com princípios gramaticais que são produtivamente estendidos a novas formas. Falantes acumulam itens lexicais, estocando-os na memória, mas, ao mesmo tempo, computam gramáticas fonológicas que são generalizadas a partir destes itens lexicais (BECKER *et al.*, 2018, p. 14).⁵

O teste foi aplicado pela plataforma *Survey Monkey*. A participação foi anônima e optamos por sequer identificar os IPs dos dispositivos eletrônicos usados pelos participantes. Inicialmente, os participantes responderam questões demográficas, a respeito de idade, gênero, escolaridade e domínio de outras línguas. Na sequência, foram apresentadas as 24 questões que compunham o teste. Entre estas, 18 continham as pseudopalavras da pesquisa e seis continham

⁴ Como é possível observar no Quadro 1, todas as pseudopalavras terminadas em -a são femininas e todas as terminadas em -o são masculinas. Conforme mostra Schwindt (no prelo), nem todas as palavras terminadas em -a são femininas (como *programa*, por exemplo) e nem todas as palavras terminadas em -o são masculinas (como *tribo*, por exemplo), mas a maioria das palavras terminadas em -a são femininas e das terminadas em -o são masculinas. Essa regularidade, como discute o autor, pode ser um dos responsáveis pela intuição dos falantes de que as vogais -a e -o estão relacionadas ao gênero feminino e masculino, respectivamente. Em função disso, optamos por não incluir no teste, neste momento, pseudopalavras femininas terminadas em -o e pseudopalavras masculinas terminadas em -a. Além disso, optou-se por não incluir palavras bifformes terminadas em -e por ser reduzida a quantidade de palavras em português que segue esse padrão, como *mestre* e *mestra*.

⁵ Trecho original: “Nonce words studies [...] uncover the way in which speakers generalize over the existing words of their language and organize their lexicon according to grammatical principles that are productively extended to new forms. Speakers accumulate lexical items, storing them in memory, but at the same time compute phonological grammars that are generalized from these lexical items” (BECKER *et al.*, 2018, p. 14).

as pseudopalavras distratoras, aleatoriamente distribuídas. A quantidade de palavras distratoras é reduzida para que o preenchimento do teste não se tornasse cansativo para os participantes. Cada questão era constituída por uma espécie de diálogo que continha uma pergunta e uma resposta com um espaço para que o participante escolhesse uma forma com -inhV ou com -zinhV ou indicasse que não tinha uma opção preferida entre as duas, como mostra o exemplo na Fig. 1. O participante deveria selecionar uma resposta, clicando em uma entre três opções. A ordem entre as duas primeiras opções de resposta foi randomizada para sua apresentação aos participantes.

Figura 1 – Exemplo de questão do teste

Carol perdeu um jugurabe pequeno no escritório? Sim, ela perdeu um _____ no escritório. <input type="radio"/> jugurabinho <input type="radio"/> jugurabezinho <input type="radio"/> Não tenho uma opção preferida.

No caso das pseudopalavras distratoras, as opções de resposta continham sufixos que não eram objeto de análise da pesquisa, como ilustra a Fig. 2.

Figura 2 – Exemplo de questão do teste com pseudopalavra distratora

Pedro viu uma turonida grande na semana passada? Sim, ele viu uma _____ na semana passada. <input type="radio"/> turonidona <input type="radio"/> turonidazona <input type="radio"/> Não tenho uma opção preferida.
--

Com relação às pseudopalavras biformes, o diálogo contido na questão indicava tratar-se de uma palavra com uma forma para o masculino e outra para o feminino, como é possível observar na Fig. 3.

Figura 3 – Exemplo de questão do teste com pseudopalavra biforme

Ele conhece um irifo pequeno e uma irifa pequena? Não, ele conhece um _____ apenas. <input type="radio"/> irifinho <input type="radio"/> irifozinho <input type="radio"/> Não tenho uma opção preferida.
--

Para a formulação do teste, partimos da ideia de que, na ausência de evidência de que a palavra era biforme, o participante a interpretaria como uniforme. Evidentemente, na continuidade do trabalho, será necessário um

aprimoramento da formulação do teste no sentido de garantir, com mais segurança, que os participantes interpretaram as palavras da forma pretendida. Isto é necessário, uma vez que algumas palavras uniformes eram claramente inanimadas, como na frase “Afonso vai construir uma virotila pequena na próxima semana”, enquanto outras poderiam gerar dúvidas quanto a sua animacidade, como na frase “Fabrício pediu um nufo pequeno para Mirela”.

Previamente à elaboração e aplicação do teste, foi realizado um teste-piloto, do qual participaram 17 pessoas. O piloto continha 40 questões, porque incluía, além de paroxítonas, palavras proparoxítonas. Havia, ao final do piloto, um espaço para que os participantes fizessem comentários. A aplicação do piloto conduziu à reformulação de aspectos importantes do teste. A maior mudança foi a exclusão das palavras proparoxítonas, o que permitiu uma considerável redução na quantidade de pseudopalavras utilizadas, qualificando, assim, o instrumento por torná-lo menos cansativo para os participantes.

Para a análise dos resultados obtidos, a fim de verificar o grau de associação entre os parâmetros observados (tamanho da palavra, vogal final e tipo de gênero da palavra, uniforme ou biforme, combinado com sua manifestação, se masculino ou feminino), foi realizado um teste não paramétrico do qui-quadrado de Pearson.⁶ A próxima seção se dedica à apresentação e discussão dos resultados obtidos.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De um total de 5598 dados (311 participantes x 18 questões), os falantes optaram por -inhV em 3068 deles (55%) e por -zinhV em 2232 deles (40%) e disseram não ter uma opção preferida em 298 dados (5%).

Apresentaremos, a partir de agora, o resultado de cada um dos parâmetros considerados na análise.

Com relação ao tamanho da palavra, o teste do qui-quadrado de Pearson não revelou associação entre a realização do diminutivo e o tamanho da palavra ($\chi^2(4) = 7.82$, $p > .05$). Assim, podemos afirmar que o tamanho da palavra não exerceu influência no momento em que o participante teve de optar por uma das possibilidades de resposta.

Quanto à vogal terminal da base, cujos resultados são apresentados na Tabela 1, é possível perceber que a vogal -e apresenta um comportamento diferenciado se comparada às vogais -a e -o no que diz respeito à seleção de -inhV ou -zinhV. Enquanto as vogais -a e -o apresentam percentuais bastante distantes para -inhV e -zinhV e maiores para o primeiro, a vogal -e apresenta percentuais mais próximos e maiores para -zinhV. O teste do qui-quadrado de

⁶ Agradecemos ao Prof. Dr. Paulo Fernando Marques Duarte Filho, da Universidade Federal do Pampa, pelo auxílio na realização da análise estatística dos dados.

Pearson confirma que essas diferenças são estatisticamente significativas, mostrando uma elevada associação entre a realização do diminutivo e a vogal terminal da base ($\chi^2(4) = 221.86, p < .05$). É possível, então, afirmar que a vogal -e favoreceu a seleção de -zinhV entre os participantes. Este resultado confirma o que afirma Menuzzi (1993) sobre o fato de que algumas palavras terminadas em -e preferem -zinhV, tanto no singular quanto no plural. Bisol (2010; 2011), por outro lado, afirma que palavras terminadas em -e dão espaço para a variação, embora não mencione a preferência por uma ou outra realização do sufixo nesse contexto. Uma vez que a possibilidade “sem opção preferida” foi pouco selecionada pelos participantes e apresentou resultados uniformes entre todos os fatores dos três parâmetros analisados, não temos evidências de que a possibilidade de selecionar igualmente as duas formas, -inhV e -zinhV, seja influenciada pelos aspectos linguísticos que controlamos em nossa pesquisa. Em função disto, os resultados para esta alternativa de resposta são apresentados apenas no apêndice, que traz os dados brutos obtidos na pesquisa.

Tabela 1 – Resultados em porcentagem para a vogal terminal da base

	-inhV	-zinhV
-a	62	31
-o	60	35
-e	41	53

No que diz respeito ao tipo de gênero da palavra (uniforme ou biforme), combinado com sua manifestação (se masculino ou feminino), pode-se constatar que as palavras biformes, independentemente de serem do gênero feminino ou masculino, apresentam percentuais mais altos para -inhV, e estes percentuais são bastante distantes daqueles que dizem respeito a -zinhV. No caso das palavras uniformes, tanto masculinas quanto femininas, -inhV também apresenta percentuais mais elevados do que -zinhV, mas, desta vez, os índices são consideravelmente mais próximos para os dois sufixos. O teste do qui-quadrado de Pearson atesta que as diferenças percentuais descritas aqui são estatisticamente significativas e que há, portanto, uma elevada associação entre o tipo de gênero da palavra (uniforme ou biforme), combinado com sua manifestação (se masculino ou feminino), e a realização do diminutivo ($\chi^2(6) = 107.92, p < .05$). A partir desses resultados, podemos afirmar que o fato de a palavra ser uniforme favoreceu a seleção de -zinhV entre os participantes.

Tabela 2 – Resultados em porcentagem para o tipo de gênero da palavra (uniforme ou biforme), combinado com sua manifestação (se masculino ou feminino)

	-inhV	-zinhV
biforme feminino	66,5	26,5
biforme masculino	59	36
uniforme feminino	52	42
uniforme masculino	49	46

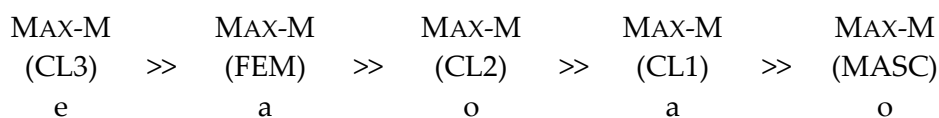
Levando em consideração a noção de que os falantes podem fazer generalizações a partir dos itens lexicais de sua língua e de que podem aplicar essas generalizações a formas novas, os resultados apresentados acima nos permitem fazer a seguinte síntese:

- (i) o tamanho da palavra não parece ser relevante na escolha entre -inhV e -zinhV;
- (ii) uma base terminada na vogal -e parece favorecer a seleção de -zinhV, enquanto bases terminadas em -a e -o favorecem -inhV;
- (iii) palavras uniformes, independentemente de seu gênero, favorecem a escolha por -zinhV, enquanto palavras biformes, tanto femininas quanto masculinas, favorecem -inhV.

Levando em consideração essa síntese, as análises de Menuzzi (1993) e Bisol (2010; 2011), segundo as quais a vogal -e apresenta um comportamento diferenciado em relação às vogais -a e -o, encontram respaldo em nossos resultados. A partir de agora, esboçamos um exercício de análise que busca associar esse resultado a uma discussão sobre o gênero gramatical em português.

Partindo da proposta de Bisol (2010; 2011) de que -zinhV não encontraria obstáculos ao seu uso entre palavras terminadas em -e átono porque ele não provocaria uma redundância na expressão do gênero, observemos de que maneira Schwindt (2011; 2018) pode nos auxiliar na análise.

Para uma discussão sobre o gênero gramatical (GEN) e a classe temática (CL) em substantivos do português, Schwindt (2011; 2018) toma como pressuposto teórico o *Harmonic Serialism – Optimal Interleaving – HS-OI* (McCARTHY, 2011), proposta segundo a qual há traços morfossintáticos abstratos que estabelecem uma relação de correspondência com expoentes fonológicos. O autor propõe a hierarquia de restrições apresentada abaixo para dar conta da relação entre gênero gramatical e classe temática em português.



De acordo com essa hierarquia, a vogal -e sempre será um marcador de CL. Com relação à vogal -a, ela pode ser tanto expoente de GEN quanto de CL,

mas a primeira opção será preferida em relação à segunda, já que -a como marcador de CL estará mais propensa a não se exponenciar fonologicamente, por conta de sua posição na hierarquia realizacional. Quanto a -o, esta vogal, ao contrário de -a, será preferencialmente um marcador de CL, já que a possibilidade de esta vogal ser expoente de GEN é baixa na hierarquia. Esta hierarquia foi confirmada a partir de dados de produtividade do português brasileiro (SCHWINDT, 2018), cujo detalhamento não apresentaremos aqui. A hierarquia mostrada acima implica que “o *a* final de palavras femininas é sempre expoente de GEN, ao contrário do que ocorre com *o* final, que é preferencialmente marcador de CL em qualquer circunstância” (SCHWINDT, 2011, p. 762).

Voltando à análise da distribuição de -inhV e -zinhV em nossos dados, a hierarquia proposta por Schwindt (2011; 2018) explica facilmente por que a vogal -e favorece a segunda forma. Uma vez que essa vogal não será expoente de GEN, ela não provoca redundância de exponência de gênero ao ser anexada a forma -zinhV, diferentemente de formas terminadas em -a ou -o, cujo expoente, mesmo quando sinalizador de CL, coincide, no mais das vezes, com o que exponencia GEN.⁷ A redundância a que nos referimos aqui diz respeito, sublinhe-se, a expoentes fonológicos. O morfema abstrato de GEN está presente, de acordo com esta análise, em todos os nomes portugueses, razão por que, deste ponto de vista em específico, será redundante em palavras sufixadas que tomem como base da derivação palavras prontas.

Embora não pretendamos dar um tratamento formal à variação que pode ser observada em nossos dados, se partíssemos da proposta de gramáticas em competição, poderíamos levantar a hipótese de que -zinhV seria o candidato vencedor em uma gramática em que fosse preferível inserir um segmento a apagar um marcador de CL, enquanto -inhV venceria a competição em uma gramática em que inserir um segmento fosse mais custoso do que apagar um marcador de CL. Isso implica, é claro, estar de acordo com a proposta de Ulrich e Schwindt (2018), entre outros, de que -inhV/-zinhV, para além de constituir palavra prosódica independente, se anexa a uma palavra morfológica (raiz + vogal temática).

Os resultados apresentados na Tabela 2, entretanto, não encontram respaldo na hierarquia apresentada acima. Como ressaltamos na discussão dos resultados para o parâmetro tipo de gênero da palavra (uniforme ou biforme), combinado com sua manifestação (se masculino ou feminino), parece haver

⁷ Armelin (2018) propõe que o diminutivo se concatena a GEN. Como mostra a autora, se isto ocorrer antes da anexação entre gênero e raiz, esta estrutura poderia explicar, por exemplo, por que não há neutralização da vogal média com diminutivo, uma vez que não haveria interação fonológica entre DIM e Raiz. Ainda segundo a proposta da autora, -e não é um expoente fonológico possível para GEN. Embora o exercício de observar os nossos resultados à luz da proposta de Armelin (2018) possa trazer outra perspectiva de análise, tal exercício não será realizado nesse momento.

uma tendência de *-zinhV* ser favorecido entre as palavras uniformes. A hierarquia não permite fazer uma distinção entre uniformes e biformes já que a vogal *-a* nas palavras femininas será sempre expoente de GEN, independentemente de ela estar em uma palavra uniforme ou biforme; da mesma forma, *-o* será preferencialmente marcador de CL, independentemente de ele constituir uma palavra uniforme ou biforme (a menos que a informação morfológica abstrata contenha mais do que apenas a designação de masculino ou feminino). Ainda assim, vale destacar a diferença percentual de escolha de *-zinhV* entre as palavras biformes femininas (26,5%), que, em nosso teste, eram sempre terminadas em *-a*, e as uniformes masculinas (46%), que, em nosso teste, podiam ser terminadas em *-e* ou *-o*, ambos marcadores de CL segundo a hierarquia proposta por Schwindt (2011; 2018). Se olharmos para estes dois extremos, ele pode indicar um favorecimento de *-zinhV* no último caso, em que não haveria redundância na exponência fonológica de gênero.

Essa última observação nos levou a olhar mais atentamente para os resultados da Tabela 2. Entre as palavras biformes, seria esperado uma preferência por *-zinhV* entre as masculinas, sempre terminadas em *-o* em nosso teste, já que não haveria redundância do expoente neste caso. De fato, a porcentagem de escolha de *-zinhV* entre os biformes masculinos (36%) é um pouco maior do que entre os biformes femininos (26,5%), mas essa diferença não é suficientemente grande para que possamos fazer afirmações mais convictas. Quanto às palavras uniformes, em nosso teste, elas poderiam terminar em *-a* ou *-e*, no caso das femininas, e em *-o* ou *-e*, no caso das masculinas. Isso nos levou a fazer um cruzamento entre o gênero e a vogal terminal, cujos resultados podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3 – Resultados em porcentagem das palavras uniformes cruzados com a vogal terminal da base

	Uniforme feminino		Uniforme masculino	
	-e	-a	-e	-o
<i>-inhV</i>	45,5	58	37,5	60,5
<i>-zinhV</i>	48,5	35	57	34
Sem opção preferida	5	6	4,5	4,5

De acordo com a hipótese que testamos para os sufixos em análise, que toma por base a hierarquia apresentada anteriormente, seria esperada uma porcentagem maior de escolha de *-zinhV* entre as palavras uniformes masculinas terminadas em *-o*, porque elas não provocariam redundância da marca fonológica de gênero, do que entre as palavras uniformes femininas terminadas em *-a*, tendo em vista que elas resultariam em redundância de gênero. Isto, entretanto, não é o que se observa na Tabela 3. Um melhor entendimento dessa questão, contudo, fica na dependência de um debate mais aprofundado acerca de como a hierarquia proposta por Schwindt (2011; 2018)

dá conta da distinção entre os fenômenos de sincretismo e de homofonia acidental, isto é, como lida com o efeito aparentemente cumulativo, na superfície, das marcas de GEN e CL quando coincidentes em termos de expoentes fonológicos.

No que tange aos sufixos que estão em foco nesta análise, nossos resultados apontam para um claro comportamento diferenciado da vogal -e em relação a -a e -o. As duas últimas, por sua vez, não mostram diferenças significativas entre si. Se, de acordo com a hierarquia proposta por Schwindt (2011; 2018), isso não é plenamente explicado pela via da questão de redundância do expoente de gênero, fica para a continuação da pesquisa buscar possíveis caminhos de interpretação desses resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nesta pesquisa trazem indícios de que o tamanho da palavra não exerce influência sobre a seleção de -inhV e -zinhV por bases paroxítonas terminadas em vogal. Por outro lado, parece haver um favorecimento de -zinho quando: (i) a base termina em -e e (ii) a base é uma palavra uniforme, independentemente de seu gênero.

Estes resultados nos levaram à realização de um exercício de análise sobre a influência do gênero gramatical no fenômeno sob análise. A partir da hierarquia proposta por Schwindt (2011; 2018), que dá conta das relações entre gênero e classe temática em substantivos terminados em vogal em português, foi possível perceber que a vogal -e pode favorecer -zinho porque este sufixo não resultaria em redundância de gênero. Por essa mesma hierarquia, entretanto, seria esperado que -a e -o apresentassem resultados distintos entre si, o que não se verificou neste estudo.

A análise empreendida sinaliza para a continuidade da pesquisa. Nossos resultados apontam para uma possível influência do gênero gramatical da base para a escolha entre -inhV e -zinho. A partir disso, é possível retomar as diferentes interpretações quanto ao *status* gramatical destes sufixos e verificar em que medida eles dariam conta dessa relação em termos de organização da gramática. Além disso, no que diz respeito às variáveis estudadas, ainda que não tenhamos formulado aqui hipóteses sobre a influência de condicionadores extralinguísticos, uma nova análise poderia contemplá-los, de modo especial observando-se o papel do indivíduo no emprego dos sufixos em questão; do ponto de vista das variáveis linguísticas, a inclusão de palavras proparoxítonas na análise também poderia ampliar o entendimento do fenômeno. No que concerne ao método, o acesso dos participantes às opções de resposta por um *input* sonoro somaria ainda mais confiabilidade ao experimento; também nesse domínio, a estratégia adotada na formulação do teste para distinção entre palavras uniformes e bifformes pode se beneficiar de algum aprimoramento à luz dos resultados aqui relatados.

REFERÊNCIAS

- ARMELIN, Paula Roberta G. Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero. *D.E.L.T.A.*, v. 34, n. 2, p. 583-512, 2018.
- BACHRACH, Asaf; WAGNER, Michael. Syntactically Driven Cyclicity vs. Output-Output Correspondence: The Case of Adjunction in Diminutive Morphology. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, v. 10, n. 1, 2007.
- BECKER, Michael et al. The acquisition path of [w]-final plurals in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 17, n. 4, p. 1-14, 2018.
- BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas. *D.E.L.T.A.*, v. 26, n. 1, p. 59-85, 2010.
- BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas, uma versão revisitada. *ReVEL*, ed. especial, n. 5, p. 80-98, 2011.
- FERREIRA, Marcelo. Diminutives in Brazilian Portuguese and output-output correspondence. In: GESS, R. S.; RUBEN, E. J. *Theoretical and experimental approaches to Romance Linguistics: selected papers from the 34th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*, Salt Lake City, March 2005. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109-123.
- LEE, Seung-Hwa. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 8, n. 1, p. 113-124, 1999.
- LEE, Seung-Hwa. Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB. *Diadorim*, n. especial, p. 113-125, 2013.
- MCCARTHY, John. Pausal phonology and morpheme realization. In: BOROWSKY, T.; KAWAHARA, S.; SHINYA, T.; SUGAHARA, M. *Prosody Matters: Essays in Honor of Lisa Selkirk*. London: Equinox, 2011. p. 341-373.
- MENUZZI, Sergio. *On the prosody of the diminutive alternation -inhol/-zinho in Brazilian Portuguese*. Ms. HIL/University of Leiden, 1993.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. Zeros na morfologia nominal portuguesa à luz da *optimal interleaving theory*. *ReVEL*, ed. especial, n. 5, p. 264-276, 2011.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, v. 34, n. 2, p. 745-768, 2018.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. Predizibilidade da marcação de gênero em substantivos no português brasileiro. In: CARVALHO, D.; BRITO, D. *Gênero e Língua(gem): teoria e análise*. (no prelo)
- TEIXEIRA, Taize Winkelmann. *A forma e o uso dos sufixos -inho e -zinho em variedades do português do sul do Brasil*. 2008. 95f. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ULRICH, Camila Witt; SCHWINDT, Luiz Carlos. O *status* morfoprosódico dos sufixos *-inhol/-zinho*, *-mente* e *-íssimo* no português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, v. 34, n. 2, p. 769-788, 2018.

APÊNDICE

Tabela 4 – Dados brutos para a vogal terminal da base

	Quantidade de dados			TOTAL
	-inhV	-zinhV	Sem opção preferida	
-a	1172	579	115	1866
-o	1118	661	87	1866
-e	778	992	96	1866

Tabela 5 – Dados brutos para o tipo de gênero da palavra (uniforme ou biforme), combinado com sua manifestação (se masculino ou feminino)

	Quantidade de dados			TOTAL
	-inhV	-zinhV	Sem opção preferida	
biforme feminino	624	250	59	933
biforme masculino	550	339	44	933
uniforme feminino	974	784	108	1866
uniforme masculino	920	859	87	1866

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 27 de agosto de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 13 de novembro de 2018.